

Stanley Fish

Por que ninguém tem medo de Wolfgang Iser?

Wolfgang Iser

Falando como baleias

Por Carlos Eduardo Klimick Pereira e Nathalia Sá Cavalcante

O texto a seguir foi realizado a partir de dois seminários apresentados para a disciplina Teoria da Recepção. Trata-se de um resumo das idéias de dois autores, complementado pelas discussões e comentários que surgiram no decorrer das apresentações. Os autores são Stanley Fish e Wolfgang Iser. O primeiro texto do empirista Fish apresenta as idéias consagradas do apriorista Iser sob a mira de sua forte crítica. Iser responde às colocações de Fish, confrontando-as com suas próprias formulações. O tom dos textos é marcado por uma certa agressividade e ironia.

A ironia encontrada no próprio título "Por que ninguém tem medo de Wolfgang Iser?" já sugere que trata-se de uma crítica de Stanley Fish à teoria da recepção consagrada e pouco questionada de Iser. "Quem tem medo de Virginia Wolf?" que se inspirou no famoso "quem tem medo do lobo (wolf) mau?", mostra a origem do título, gerado, pelo que Bakhtin denomina de "intertextualidade". Para Fish, é no mínimo estranho que um autor tão influente seja, no entanto, não controverso e pouco questionado. Iser é um fenômeno por não estar nem entre o grupo dos que subvertem valores e regras do senso comum, aonde Fish se inclui, (Derrida, De Man, Bloom, Miller, Fish) e nem entre os participantes da luta contra o niilismo desconstrutivista (Abrams, Hirsch, Booth, Graff, Crews, Shattuck). Não está em nenhuma posição e está em todas ao mesmo tempo. A sua ausência nessas duas tendências em curso não o fazem passar despercebido. *The implied reader* e *The act of reading* vendem muito na prestigiada lista da Johns Hopkins Press.

Continua Fish, Iser fala sobre a tentativa de livrar o texto literário da demanda de um conteúdo de significados referenciais, de uma verdade aceita. Tal demanda reduz o texto ao nível de documento, o que "rouba" do leitor a oportunidade de experimentar o espírito de nossa era, as nossas condições sociais, as neuroses do autor, etc. Existiria no texto, uma verdade intrínseca à ele, segundo os clássicos, mas não para Iser.

Como o significado pode ser vivenciado se já espera-se uma leitura referencial? Tradicionalmente, é atribuído ao leitor o papel da percepção ou descoberta do significado literário ao invés da produção do significado. Assim, o objetivo do crítico literário não deveria ser explicar o trabalho, mas revelar as condições que fizeram seus efeitos possíveis, solicitando a participação do leitor que experimenta, vivencia o texto e lhe dá vida.

Para Iser, a fonte de autoridade da interpretação é tanto o texto como o leitor. Trata-se de uma construção. O texto busca designar instruções para a produção de um significado e o leitor produz o seu próprio significado. O sentido do texto é algo produzido por um processo de interação entre as duas partes (texto e leitor) independentes. O papel do texto é designar orientações para a produção de um sentido, que no caso da literatura é o objeto estético. O papel do leitor é seguir tais instruções ou orientações e produzir o seu significado. "Sentido" não representa algo, é um acontecimento. O texto não pode ser visto como um todo mas como a convivência de vários pontos de vista. O leitor o percebe de uma maneira global. A experiência da leitura não se dá apenas pelo texto em si nem só pela subjetividade do leitor. Trata-se da junção destes dois fatores que permite o processo de construção de significado, ou sentido, no texto. Esse pensamento se difere da base filosófica da escola formalista soviética que é a "dialética" de Hegel vinda de Aristóteles (onde a relação entre uma tese e uma antítese gera uma síntese), aproximando-se mais da questão do "dialogismo" colocada por Bakhtin, que afirma que tais forças juntam-se e convivem numa dinâmica.

Para Iser, os textos literários são distintos dos não literários, especialmente dos científicos, pela presença de "vazios" ou "intervalos" que acabam sendo preenchidos pela "disposição individual" do leitor. A estrutura do texto permite modos diferentes de alcançar seu potencial. O

leitor deve construir suas conexões, as sínteses que individualizam o objeto estético. Iser valoriza a imaginação criativa do leitor. Por exemplo, ao lermos um romance nos deparamos com espaços a serem preenchidos pelo leitor enquanto que ao assistir uma adaptação desse mesmo romance no cinema, o receptor encontra-se com uma imagem dada e que, normalmente, difere da imaginada na leitura. Diante da obra abstrata cada espectador projeta-se e interpreta de forma diferente, de acordo com seu próprio repertório.

Iser parece acomodar contradições contidas em textos de vários teóricos. Concebe o texto como um objeto sob um aspecto espacial, com uma determinada forma e sob um aspecto temporal em que a produção de significado literário é um processo que o texto põe em movimento. O elemento subjetivo, não é arbitrário pois é guiado ou moldado pelas estruturas do texto. E mesmo dentro desses limites, exige o exercício da liberdade de interpretação.

A teoria de Iser é ampla e liberal e adapta-se bem ao pluralismo da maior parte da crítica literária norte-americana. O pluralismo literário é uma tentativa de estabelecer um caminho entre os pólos da objetividade e da subjetividade. O texto literário é detentor de sentidos múltiplos. Sua teoria responde às críticas que realçam o papel dos leitores, pois estes possuem uma atuação predominante. O texto não contém um significado, mas um jogo de direções que busca um sentido. Esse significado não é uma entidade mas sim, um acontecimento dinâmico. É o texto que desperta no leitor "competente" uma interpretação a partir de seu próprio repertório. Esse repertório é constituído de experiências da vida social, cultural, comunitária. Afinal, toda linguagem é eminentemente social. O leitor passa a ter um papel mais atuante quando guiado pelas direções indicadas pelo texto. O texto é uma espécie de guia de orientação, ou seja, algo que instrumentaliza-se para encontrar o sentido.

É interessante ressaltar que ao se falar em texto, está sendo focado, principalmente o romance. No entanto, podemos entender o texto num sentido mais amplo que estende-se à imagem de uma maneira geral. Assim, o leitor pode ser um espectador e de uma maneira mais geral, um receptor. Se compararmos a experiência da leitura de um determinado livro com a, de ver uma adaptação desse mesmo livro em um filme, podemos concluir que o texto escrito oferece maior número de lacunas a serem preenchidas pelo leitor do que a imagem. A imagem representativa, principalmente, possui menos espaço para o imaginário do leitor do que, por exemplo, a imagem abstrata que, livre de um significado pré-estabelecido, oferece ao receptor uma possibilidade mais ampla de exercício da sua subjetividade.

A crítica tradicional atuou, num primeiro momento, como o reconhecimento da grandeza da obra em relação à forma e ao conteúdo. Em seguida, percebe que se a grandeza da obra existe, é porque há algo de grandioso nela. Num outro momento, a crítica enfoca a história do autor para uma compreensão mais ampla do personagem. A crítica anglo-americana de Hirsch enfatiza o significado como algo mais ligado aos interesses dos leitores de compreender bem a obra do autor. Para Hirsch, existe um significado autoral ou histórico que implica numa obrigação ética de transmiti-lo corretamente. Para Iser, não é preciso escolher entre o significado planejado e os significados de nossas subjetividades. Quando o leitor constrói sua estrutura de sentidos, ele está sendo fiel ao significado autoral, pois o significado de interpretação é necessário para a sua existência. Iser considera válido o estudo das diferentes interpretações do texto de um autor ao longo do tempo, como um estudo da estética.

Segundo Iser, os séculos XVIII e XIX tornaram-se cada vez mais literários, com um número maior de "vazios" a serem preenchidos pelo leitor. Iser evita a distinção, implícita na teoria de Hirsch, entre interpretações históricas e não-históricas. Tanto o leitor contemporâneo quanto o do passado realizam atos de construção e não de recuperação. Nenhum instante é melhor que outro. Algumas vezes o momento histórico fornece mais elementos para a construção do leitor. Ele completa as conexões não especificadas no texto com sua "disposição individual", independente da época.

Isto não significa, como Iser coloca, que a história de construções e realizações sucessivas não possuam algum interesse mas a questão é mais empírica do que teórica. O estudo das realizações individuais de um trabalho literário pertence ao estudo das "estéticas da recepção", identificado com o trabalho de Jauss, dentre outros. Iser foge da leitura como contingência

histórica reconhecendo, porém, a legitimidade de tomar as leituras historicamente condicionadas como um objeto de estudo.

A importância do papel do leitor faz com que ele se beneficie mais da experiência literária, abrindo a oportunidade de olhar as "forças" que nos guiam e nos orientam. Essas forças são sistemas de pensamento que refletem nossa realidade e formam a base para a conduta de relações humanas. O distanciamento permite uma melhor visão dessas forças.

Iser acredita que a literatura e a vida se completam. Entretanto, a literatura não é mimética, ou seja, não é uma mera cópia representativa da vida. A literatura nos permite um distanciamento que possibilita reconhecer as deficiências e mecanismos do sistema social. A literatura põe em cheque noções convencionais de validade e coerência, promove mudanças e crescimento no indivíduo. A autoconsciência se desenvolve no processo da leitura.

O significado do texto não está marcado dentro do texto mas sim no fato de liberar o que está preso de dentro de nós. Cada texto novo constitui seu próprio leitor, definindo a reciprocidade existente entre o significado constituído e o dado pelo autor e sua consciência no processo da leitura.

Para o leitor o texto passa a existir como gestalt (termo muito utilizado na teoria da percepção ligada a análise de imagens) na sua consciência num processo de alteração pela estrutura que está construindo. Esse conceito inspirado em Derrida, coloca que os vazios existentes entre as palavras, por exemplo, são tão importantes quanto as próprias palavras para a compreensão do sentido global. O leitor é movido a juntar o objeto virtual do seu próprio modo. A disposição individual do leitor pode mudar de acordo com a interação com o que está sendo construído. O leitor junta-se no mundo enquanto o objeto toma forma e afeta o leitor. Essa interação possibilita a construção do sentido assim como lhe permite reformular a si mesmo.

A teoria de Iser reivindica e, aparentemente dá conta, não apenas de questões estéticas, ontológicas e históricas mas também, de questões da psicologia e da epistemologia. A literatura está livre da tirania dos significados referenciais e contém significados gerados por um leitor provido de experiência. Em resumo, tem algo para todos, não nega legitimidade a ninguém. No entanto, a importância da distinção entre "determinação" e "indeterminação" é algo que Iser necessita para assegurar sua argumentação mas que, segundo Fish, não consegue. Essa distinção é fundamental porque dá estabilidade e flexibilidade às suas formulações. Sem isto, ele não poderia dizer que as atividades do leitor são constrangidas por algo que elas não produzem. Não poderia honrar e evitar a história como jogo de direções que o texto contém; não poderia definir o objeto estético em relação ao mundo real; não teria nenhuma base para afirmar que a literatura no século XVIII foi caracterizada por muitos vazios, não poderia livrar o texto de referenciais como significados e não poderia dizer que os inumeráveis significados produzidos por leitores fazem parte de seu potencial. A ênfase na teoria de Iser está concentrada, assim, na distinção entre determinação e indeterminação. Quando ele está mais fenomenológico, Iser enfatiza o fato bruto do texto na ajuda da montagem do objeto virtual, vendo a relação entre leitor e texto de várias formas.

Uma dessas formas está na seguinte colocação: "as estrelas em um texto literário são fixas, as linhas que as unem são variáveis". Ou seja, há algo dado *a priori* no texto que já é em si determinado enquanto as interpretações dos leitores são múltiplas e variáveis. Outras dessas formas se apresentam na estrutura do texto, desencadeando uma sucessão de imagens mentais que se traduzem na consciência do leitor. Também o próprio texto oferece aspectos esquemáticos para a produção do trabalho. Nas suas afirmações para a revista *Diacritics* a respeito do que é determinado e o que pode ser interpretado, Iser deixa claro acreditar que o texto faz parte do mundo, que é algo determinado. Assim, como há limites ou um *a priori* para o mundo em que nós vivemos, também existem alguns limites no texto literário que foi gerado nesse mundo determinado, embora o leitor tenha grande liberdade no que diz respeito à sua própria interpretação.

Na obra *Fieldings* de Tom Jones, existem dois personagens principais, Allworthy que caracteriza-se pela sua perfeição e Capitão Blifil que é um hipócrita persuasivo. No encontro

dos dois personagens, Allworthy é influenciado pela astúcia de Blifil, passando, assim, a apresentar algumas imperfeições que fazem o leitor construir significados que não apresentam uma qualidade, mas um defeito vital que é a falta de julgamento de Allworthy. Iser chama isso de "perspectivas variáveis", a busca do leitor pela consistência. Fish, ao contrário, acredita ser possível uma outra leitura, como por exemplo, a de que Allworthy continua mantendo sua característica principal de perfeição a ponto de ser tão ingênuo e não perceber as manobras de Blifil, a qual não vê nenhum sinal de ironia pretendida por Iser.

Iser estabelece diferenças entre o texto literário e o não literário. No texto não literário as conexões são dadas, há uma "boa" continuidade fornecida pela estrutura da realidade empírica e, portanto, não existem espaços para serem preenchidos pelo leitor. Já no texto literário, o leitor é ativo, pois preenche as lacunas existentes e fecha a sua interpretação.

Segundo Fish, as estrelas do texto literário são variáveis, não fixas, assim como as linhas que as unem. Para Fish, todos os elementos devem ser levados em consideração, tanto o que é dito no texto assim como, os vazios que possam ser interpretados pelo leitor e que são produtos de uma estratégia. Portanto, nenhum desses componentes deve ser avaliado separadamente do processo interpretativo.

Segundo o texto de Iser, publicado num capítulo (Simplicidade Arcadiana) da revista de moda *Vanity Fair*, o "segmento textual" é "um sinal do autor", "um ponteiro" que deixará o leitor perder a visão do narrador nas ambições sociais de Becky Shape. O leitor pode, então, interagir com a perspectiva do personagem, possibilitando a individualização do objeto estético. Para Iser o texto está sendo irônico. Enquanto para Fish, o texto pode ou não ser irônico ou, ainda, não ser nada pois depende do ponto de vista do leitor.

Enquanto para Iser existe uma instância onde a percepção e a interpretação se distinguem, Fish pensa que isso ocorre simultaneamente. Ou seja, ao perceber se interpreta e ao interpretar, percebe-se, tecendo uma dinâmica interativa. Assim, a forma de ver não se dá depois de ver e sim enquanto se vê. Fish questiona o conceito de "determinado". Considera o mundo algo com muitas aberturas para o leitor. Não pode haver categoria do que é determinado se isso significa considerar o que estava escrito antes da interpretação começar. O mundo real é determinado, mas o mundo literário, de certa maneira, não é. Esta afirmação de Iser implica em algumas suposições. Em primeiro lugar que olhar objetos reais é diferente de imaginar objetos num poema ou num romance. Em segundo, o espectador é passivo diante de uma realidade já formada enquanto, no mundo imaginário, ele participa da construção de uma nova realidade. Uma terceira suposição é relativa ao fato de que o conhecimento de pessoas reais acontece de forma direta e imediata e, o conhecimento de personagens, não. Finalmente, há dois tipos de experiências que se dão de duas formas distintas. Uma (não literária) que só requer que nós confirmemos sua estrutura com esta já constituída, que reproduz ou descreve e outra (literária) que nos exige a produção de objetos, eventos e pessoas.

Em resumo, Iser acredita que há algo no texto que é determinado, *a priori*, e o receptor capta no texto uma espécie de guia de orientação para que ele possa, em função do seu próprio repertório, da sua própria subjetividade, encontrar uma leitura singular e interpretativa. Há uma separação entre o mundo real, dado pelos sentidos e o mundo da literatura, regido pela imaginação. Trata-se de uma posição apriorista, oriunda do pensamento positivista inglês de John Locke. Em contrapartida, encontra-se o pensamento de Fish que não aceita essa distinção entre algo determinado e algo não determinado. Para ele, tudo é variável, tudo é construído em função do sujeito. Tanto em relação ao mundo dos sentidos como, ao mundo da imaginação, o leitor está sempre interpretando e construindo de forma diferente e indeterminada. Fish afirma que tudo de certa forma também é determinado. Pois o indivíduo interpreta com base num repertório e modo de perceber que foi em parte estruturado pelo meio em que foi formado. O mesmo meio que se encarrega de controlar a arbitrariedade validando um número limitado de interpretações. Fish comunga da teoria empirista do filósofo francês René Descartes que concentra no receptor a responsabilidade de existência de si e do mundo.

Para Iser, é fundamental a diferença entre determinado e indeterminado. O que está em jogo é a precisão que diferencia o texto literário do texto não literário. O texto não literário não tem vazios, não há espaço para criação por parte do leitor. O texto literário contém vazios, mas precisa de alguma âncora no mundo real ("as estrelas estão fixas"). Iser faz ainda uma diferença entre a interação diática e o que acontece num texto literário, para mostrar como os vazios são preenchidos pelo leitor no segundo caso. A "interação diática", ou não mediada, indireta, acontece a partir da relação direta, "face a face" num diálogo onde é possível obter uma resposta, um *feed-back* direto com o autor como num telefonema, numa conversa, num e-mail. Interlocutor e receptor estão juntos nessa relação interativa. O mesmo já não ocorre num texto literário, onde o leitor não tem como checar suas interpretações com o autor. Pelo menos, não normalmente.

É interessante lembrar que a televisão foi apresentada ao mundo na feira de Nova York em 1939 quando as relações entre Estados Unidos e União Soviética eram de mútuo enaltecimento, de trocas de reconhecimento. O pavilhão soviético era o maior da feira. Dois grandes povos estavam desenvolvendo tecnologia para tentar resolver os problemas do mundo. O tema da feira era "A Cidade de Esmeraldas", de O Mágico de Oz e ao fundo tocava a música *Somewhere Over the Rainbow*. A televisão foi apresentada, inicialmente, como um instrumento de diálogo, como uma mídia de ida e volta. Novas idéias pesquisadas por russos, americanos, ingleses e franceses, começavam a tecer a utopia de uma grande aldeia global. Com a Segunda Grande Guerra, os projetos de intercâmbio entre televisão e sociedade ficaram estagnados. A União Soviética acabou não participando da feira. Há uma ruptura. Essa tecnologia interativa desaparece na Europa e torna-se mínima nos Estados Unidos. No final da Guerra, a televisão apresentou-se sob outra forma e explodiu como instrumento de publicidade e de venda de produtos.

O conceito de meio de comunicação evoluiu muito dessa época até os dias de hoje. Inicialmente a teoria da informação afirmava que para haver comunicação era necessário interação, troca de estímulos. O emissor deveria receber de volta uma resposta que derivasse da sensibilização do receptor ao seu impulso inicial. Assim, existiria algo entre transmissor e receptor que seria o canal, ou o suporte para uma mensagem dentro de um sistema simbólico. A teoria da informação é uma espécie de *hardware* da teoria da comunicação.

Com a evolução da teoria da informação, o meio de comunicação passa a ser o suporte ou a tecnologia que transmite conhecimento. Por exemplo, hoje em dia, não se fala mais no cinema como um meio de comunicação mas como algo que possui e engloba vários meios. O cinema, assim como um objeto, constitui formas de meios de comunicação. É o impacto que caracteriza a particularidade do meio. O cinema numa sala de projeção é o mesmo passado na televisão? O meio de comunicação está em tudo, passou a ser o ambiente, o contexto, onde a comunicação não se restringe a uma etapa, mas vai além da relação entre todas as partes do acontecimento. Segundo essa nova visão da teoria da comunicação, a linguagem e o sistema simbólico são a mesma coisa.

Após a Segunda Guerra inicia-se um processo contínuo de crise da racionalidade. O princípio das certezas, as utopias e o positivismo que não deram certo, tornaram tudo ambíguo, incerto e relativo. As unanimidades e as verdades universais, tanto na academia como no senso comum, não são mais utilizáveis. Quando a ciência mostrou-se altamente refutável, o homem perdeu a utopia de definir e conhecer. Com o impacto da descoberta do inconsciente a razão se tornou ainda mais vulnerável. Cada vez mais tudo torna-se fluido.

Para Iser, o mundo real é percebido pelos sentidos e o mundo literário ou ficcional é percebido pela imaginação. O mundo real funciona independente do observador individual ao contrário do mundo literário. Nosso contato com o mundo real tem uma imediata consequência física e social. O contato com o texto literário, não, necessariamente ou quase nunca gera algum tipo de consequência. Sendo essa a principal diferença entre os dois tipos de experiência. A interação com o mundo real e a interação com o mundo literário são fundamentalmente, substancialmente, diferentes para Iser.

Para Fish não há como a nossa percepção de mundo não ser mediada pela nossa idealização. A idealização é um meio da ação do ser humano no mundo. Tentar separar a percepção da idealização é algo impossível. Iser tem posição oposta e acredita que o mundo real captado pelos sentidos se difere substancialmente do mundo literário movido pela imaginação. O mundo real existe em si e independe do sujeito que o observa. Assim, a experiência sensível de beber um copo de vinho é algo completamente distinto da leitura de um personagem que saboreia um copo de vinho pois o contato com o mundo real gera "efeitos" que não ocorrem no mundo imaginário. A visão de Iser demonstra o quanto ele privilegia os sentidos em relação à imaginação, interpretação. A experiência do real, segundo esse ponto de vista, se dá essencialmente pela via dos sentidos, gerando conseqüências físicas ou sociais. Fish não vê uma superioridade dos sentidos em relação à imaginação. Para ele, tanto através do sensitivo, como através da subjetividade acontece a experiência interativa entre o homem e o mundo apenas de formas diferentes ou em diferentes níveis, pois em tudo há idealização. O contexto fornece ao espectador os limites para cercar a amplitude do imaginário. Fish vê o leitor como o produto das categorias sociais às quais pertence e pelas quais é influenciado, assim como as influencia. Não existe algo singular no leitor, este não é livre. A realidade não está colocada sobre nós. O grupo social convencionou o que e o como acontece essa relação. A pura percepção é impossível, geralmente ela é convencional e mediada.

O objetivo de Fish é desconstruir a teoria de Iser a partir dos furos que detecta, definindo-a como uma colcha de retalhos. Trata-se de um olhar atento e atualizado que busca questionar conceitos que se consagraram e cristalizaram como referenciais. No entanto, é importante ressaltar a importância de Iser como pioneiro na confecção de uma teoria complexa e inovadora. Uma teoria específica sobre a questão e a importância da recepção na relação do ser humano com o mundo sensível e com o mundo da subjetividade, trazendo essa relação para o texto literário. Pioneiros estão sempre sujeitos às críticas dos seus sucessores que, mesmo sendo válidas, basearam-se no trabalho dos primeiros.

Iser inicia o seu texto de resposta ao "bombardeio" de Fish, fazendo uma interpretação do sobrenome do autor através de um título irônico que já determina o tom agressivo da resposta. "Falando como baleias", coloca Fish (peixe em português) numa posição de inferioridade na escala "evolutiva". Iser, um apriorista, traça uma distinção entre o que é dado, determinado e o que é indeterminado tanto para o mundo real como para o da imaginação. Iser mantém e reforça sua posição. A interpretação configura-se a partir de convenções, de premissas que existem *a priori*. Depois se dá a interpretação que altera essas premissas através da experiência subjetiva do leitor. Iser acredita que Fish confunde o objeto dado com a interpretação. Sempre há no texto algo determinado como, por exemplo, os nomes dos personagens. Iser insiste que o mundo real existe independente de nós e que reage sobre nossas interpretações e percepções de formas impossíveis ao mundo imaginário. Por exemplo, podemos imaginar que uma cadeira é macia e ao sentarmos constatamos que, na verdade, ela é dura. Somos, portanto, obrigados a mudar nossa interpretação da cadeira. Segundo Iser, isto acontece no mundo real e não no imaginário, caracterizando nossa interação com cada um dos mundos como fundamentalmente diferentes. Enquanto que para Fish, a diferença é de gradação e não de substância.

Segundo Iser, quando Fish apresenta o exemplo do *cartoon*, demonstra sua dificuldade em lidar com qualquer tipo de distinção. Iser ataca a premissa de Fish que a limitação de interpretações é feita pelo grupo social, afirmando que isso não explica como pessoas diferentes do mesmo grupo social podem ter interpretações distintas do mesmo texto. Iser volta a insistir que certos elementos do texto como, os nomes dos personagens, por exemplo, são "dados" e representam as verdadeiras restrições à arbitrariedade da interpretação.

Dados sobre os autores:

Wolfgang Iser

Nasceu em 1926. É professor de Inglês e Literatura Comparativa na Universidade de Constance na Alemanha. Junto com o seu colega Hans Robert Jauss, Iser é um expoente da "teoria da recepção" onde as raízes se encontram na crítica literária alemã. Em resumo, a sua

teoria vê o texto como um local de produção e proliferação de significados e é cético em relação a objetividade do texto da crítica formalista. Iser privilegia a experiência da leitura de textos literários como, unicamente, uma maneira de elevar a consciência ativamente e realçando o centro da consciência na investigação de significados. O estudo da fenomenologia de Husserl, Ingarden, Gadamer, Poulet influenciaram e contribuíram para o seu trabalho. "*The act of reading*": a teoria estética é responsável por toda a exposição de sua teoria.

Stanley Fish

Nasceu em 1939. Teórico literário americano escreve sobre o papel do leitor na literatura. Depois de obter o título de Ph.D em literatura inglesa em Yale (1962), Fish ensinou na U. C. Berkeley (1966-9), Johns Hopkins University (1974-5), Universidade de Duke. "*The experience of seventeenth-century literature*" (1972) e "*Is there a text in this class? The authority of Interpretive communities*" (1980) foram importantes contribuições para esse campo.